

## AMERICAN CHAMBER OF COMMERCE FOR BRAZIL — RIO DE JANEIRO



Affiliated with:

Chamber of Commerce of the United States  
Association of American Chambers of Commerce in Latin America

Mail Address:

P.O. Box 916 - ZC-00  
20.000 Rio de Janeiro - RJ  
Cable: AMERCHACOM

Av. Rio Branco 123-21st Floor  
Telephone: 222-1983

8 de Junho de 1977

Ref: 3269/GC

Exmo Sr.  
Presidente  
Fundação Nacional de Proteção ao Índio  
Edifício Alvorada, 4º andar  
Setor Comercial Sul  
70000 - Brasília - DF

Prezado Sr. Presidente:

Transmitimos a V. Exa. cópia de carta-circular recebida por esta Câmara, onde são solicitados donativos em dinheiro para ajuda a índios, inclusive a manutenção de um hospital.

Pro julgarmos estranho, entre outros, o fato de o Diretor de um hospital sediado na Bolívia residir em Niterói e coletar fundos via Banco do Brasil (Rio e São Paulo) e por se tratar de assunto que nos parece merecer a atenção dessa Fundação é que optamos, sr. Presidente, por não divulgar a referida carta e levá-la ao conhecimento de V. Exa.

Sem mais para o momento, subscrevemo-nos,

Atenciosamente,

*L.A.Q. Mattoso*  
L.A.Q. Mattoso  
Gerente do Departamento  
Informações Comerciais

LAQM/tcp

Arquivar, em 5/17/77  
*[Signature]*  
Pr. Pres. Tomson  
conferência, em  
29-11-77. Jus.

ASI/FUNAI  
N.º 484177  
EM 20/06/77

FUNAI - SEC/GAB  
N.º  
E: 14/06/77  
*[Signature]*  
ASSINATURA

# Hospital Saint Louis

Aide aux indiens  
Fondée en 1965

| TO      | V | LET FORWARDED | OFFICIALS |
|---------|---|---------------|-----------|
| EXSEC   |   |               |           |
| EXVP    |   |               |           |
| GMGR    |   |               |           |
| 1 MCID  |   |               |           |
| MGR     |   |               |           |
| FILE    |   |               |           |
| E T     |   |               |           |
| 30/5/77 |   | 950           |           |

**DIRECTEUR**  
 Docteur Van Leer Louis  
 Boite Postal 340  
 Niterói - RJ  
**BRASIL**  
 Banco do Brasil  
 Compte. N.º 260.435-3  
 Ag. Centro  
 São Paulo - SP  
 Banco do Brasil  
 Compte. N.º 31001-98  
 Manaus - AM  
 Boite Postal 1087  
 Manaus - AM  
**BRASIL**

Dear Sirs,

We are a group of 5 (five) doctors; Suisse, French, German, Americans, and Austrians.

We have sold everything we have and left everything behind to dedicate and help spontaneously the indians who live in the forests of South America.

After an epidemic, there were many victims. Who were these victims? Children and old people. Why? Because of a lack of medicine, lack of food, lack of money and a lack of help.

Yes, we have no help. Why? Because nobody is concerned about indians.

On the other hand, we are doctors, and have sacrificed 15 (fifteen) years of our life to help these people. We have struggled and fought against nature, animals, diseases and sufferings. We have constructed a hospital which was of great use for this huge region altogether forsaken by the world:

We, now find ourselves in a very bad situation and send an S.O.S. to all our compatriots living in South America and Europe, in order to obtain their collaboration and collect necessary funds to continue our work.

Do you have the courage and heart to refuse such a thing to these children who, with tears stretch their hands to you so as to help them? Will we too be obliged to abandon them? Will we give up a 15 (fifteen) year job for a matter of money? You are our last hope and their last chance.

The funds can be sent in name of Dr. Van Leer, Director of the Hospital. Banco do Brasil Agencia central conta corrente nº 260.435-3 São Paulo Brasil or, caixa postal nº 340 Niterói-Rio de Janeiro Brasil

We, in their name, thank you truly for your collaboration and great help.

Dr. Van Leer .

Director

Dr Van Leer Banco do Brasil Ag central nº 312404-5 Nitaroi Rio de Janeiro



MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO  
FUNAI

# URGENTE

Mello (DGPC)

Informar se o Hospital Saint Louis, sediado em Niterói - RJ, mantém algum vínculo com a FUNAI ou se tem compromisso de atuação junto à comunidade dos indígenas.

15.06.77

*[Assinatura]*  
Ismarth de Araújo Oliveira  
Presidente da FUNAI

Em atendimento:

Devolva-se ao Exmo. Senhor Presidente da FUNAI, informando que nada consta nos arquivos deste Departamento, conforme solicitado.

Em, 15/junho/77

MINTER - Fundação Nacional do Índio  
Departamento Geral de Planejamento Comunitário

*[Assinatura]*  
JOSE ALVES DE MELO  
Diretor Substituto  
Posto nº 6521P

À ASI

Em, 16.06.77

*[Assinatura]*  
Ismarth de Araújo Oliveira  
Presidente da FUNAI

ZFM - 009

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI  
Gabinete do Presidente

OFÍCIO Nº 045/GAB/P

Brasília, 16 de junho de 1977.

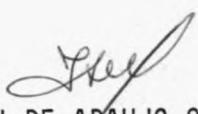
Senhor Diretor-Geral

Cumprimentando V.S., encaminho anexo documento recebido da Chamber Of Commerce For Brazil, referente ao Hospital Saint Louis e a resposta dada por esta Presidência.

Trata-se de pedido de recursos, sob a alegação de socorro a índios, que absolutamente não se justifica pois o referido Hospital não atua nesse campo.

Aparentemente, trata-se de falsa alegação que, a meu ver, exige uma apuração por parte desse Departamento.

Aproveito a oportunidade para reiterar a V.S. protestos de elevada estima e apreço.

  
ISMARTH DE ARAUJO OLIVEIRA  
Presidente da FUNAI

Ilmo.Sr.  
Cel. MOACYR COELHO  
DD. Diretor-Geral do Departamento  
de Polícia Federal

N E S T A

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI  
Gabinete do Presidente

OFÍCIO Nº 044/GAB/P

Brasília, 16 de junho de 1977.

Prezado Senhor

Acuso o recebimento do Ofício nº 3269, de 08 do corrente, versando sobre auxílio solicitado pelo Hospital Saint Louis.

Informo a V.S. que o referido Hospital não mantém convênio com a FUNAI, nem tem qualquer atuação junto às comunidades indígenas, o que invalida a sua pretensão.

Agradecendo a informação prestada, aproveito a oportunidade para apresentar protestos de estima e consideração.

*Ismarth de Araújo Oliveira*  
ISMARTH DE ARAÚJO OLIVEIRA  
Presidente da FUNAI

Ilmo.Sr.  
L.A.Q. MATOSO  
Gerente do Departamento de  
Informações Comerciais  
American Chamber Of Commerce For Brazil  
Av. Rio Branco, 123 - 21º Andar  
RIO DE JANEIRO - RJ

CONFIDENCIAL

PSS. 410, p. 6/28

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO — FUNAI



102-L/77

04/07/77

HOSPITAL SAINT LOUIS

ASI/FUNAI

-

CENTRO - OESTE

-

DSI/MINTER

DOCUMENTAÇÃO (4 FLS)

1. Encaminhamos, em anexo, para conhecimento dessa Divisão, documento recebido da AMERICAN CHAMBER OF COMMERCE FOR BRAZIL, referente a solicitação de donativos em dinheiro para ajuda a Índios, inclusive a manutenção de um hospital.
2. O Presidente da FUNAI enviou ao DPF Of. nº 45/GAB/P, cópia anexa, solicitando apuração das denúncias, bem como, oficiou o Gerente do Departamento de Informações Comerciais da AMERICAN CHAMBER OF COMMERCE FOR BRAZIL, através do Of. nº 044/GAB/P, informando que o Hospital Saint Louis não mantém convênio com a FUNAI e nem tem nenhuma atuação em área indígena.

TODA E QUALQUER PESSOA QUE TOME CO-  
NHECIMENTO DE ASSUNTO SIGILOSO FICA,  
AUTOMATICAMENTE, RESPONSÁVEL PELA  
MANUTENÇÃO DE SEU SIGILO (Art. 12 do  
Decreto nº 79.099/77 Regulamento para Sal-  
vaguarda de Assuntos Sigilosos)

CONFIDENCIAL

PSS. 410, p. 7/28

1. O Jornal "A CRÍTICA", de 23 Set 77, publicou um artigo intitulado "Em plena Selva Amazônica", a tribo mais rica do mundo".

2. Esse artigo refere-se à tribo NIAUAS, que segundo o mesmo possui inúmeras riquezas.

3. No mesmo é feita referência ao médico francês VAN LEER e ao antropólogo VANDERKIN, RODOLF AERMANN, GIOVANI LUIS e JOHN PATERSON.

4. A localização provável dessa tribo entre é entre a fronteira PERU, BRASIL, COLÔMBIA.

O DES  
NUT

Ofício nº

Senhor -----

O jornal "O globo", edição de 21.10.77, divulga notícia oriunda de Bogotá, referente a expedição científica realizada na selva amazônica, na fronteira Peru/Brasil.

Esta Fundação desconhece qualquer autorização relativa à essa expedição, nem a mesma, ao que consta, foi do conhecimento do CNPq ou do próprio Ministério das Relações Exteriores.

Pela gravidade do assunto <sup>focalizado</sup> ~~atendido~~, solicito a V. Exa. que, através da Embaixada do Brasil em Bogotá, seja apurada a veracidade da notícia publicada, incluindo dados para permitir à FUNAI atuar na área, caso a mesma se localize em território brasileiro.

Apresento a oportunidade -----

---

TAO

AO

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO — FUNAI  
Gabinete do Presidente

OF. Nº 6463PRES

Brasília, 31 de outubro de 1977

Senhor Chefe,

O jornal "O GLOBO", edição de 31.10.77, divulga notícia oriunda de Bogotá, referente a expedição científica realizada na selva amazônica, na fronteira Perú/Brasil.

Esta Fundação desconhece qualquer autorização relativa à essa expedição, nem a mesma, ao que consta, foi do conhecimento do CNPq ou do próprio Ministério das Relações Exteriores.

Pela gravidade do assunto, focalizado, solicito a V. Sa. que, através da Embaixada do Brasil em Bogotá, seja apurada a veracidade da matéria publicada, incluindo dados para permitir à FUNAI atuar na área, caso a mesma se localize em território brasileiro.

Aproveito a oportunidade para apresentar a V. Sa. protestos de apreço e consideração.

ORIGINAL FOI  
ENTREGUE A  
ISMARTE DE ARAÚJO OLIVEIRA  
PELO  
SR. PRESIDENTE

Ao Ilmo. Sr.

Conselheiro LUIZ FELIPE PALMEIRA LAMPREIA

DD. Chefe da Secretaria de Informações do Gabinete

Ministério das Relações Exteriores

Brasília-DF

Em 24 de novembro de 1977.

SEI/ 33 /690.8(B46)

Expedição científica na  
selva amazônica. Notícia  
de "O Globo".

Senhor Presidente,

Com referência ao ofício nº 646/PRES, dessa entidade, tenho a honra de levar ao conhecimento de Vossa Excelência que, segundo informação recebida da Embaixada do Brasil em Bogotá, a notícia da "Associated Press" publicada em "O Globo" foi baseada, provavelmente, em dois artigos publicados na revista "Cromos", daquela cidade, de 26 de outubro último e 02 de novembro corrente, com declarações do médico francês Louis Vanleer a respeito dos índios Niawas, que vivem na fronteira do Brasil com o Peru.

2. Em anexo, Vossa Excelência servir-se-á encontrar os referidos artigos, os quais, segundo a Embaixada em Bogotá, poderiam ter sua veracidade posta em dúvida.

Aproveito a oportunidade para renovar a Vossa Excelência os protestos da minha alta estima e consideração.

  
(Luiz Felipe Palmeira Lampreia)  
Secretário de Informações do Gabinete

A Sua Excelência o Senhor  
General-de-Divisão Ismarth de Araújo Oliveira,  
Presidente da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), do  
Ministério do Interior.

Anexo: 1  
CALA/mas



O GLOBO  
Segunda-feira, 31/10/77

O PAÍS • 7

## Expedição localiza tribo com tesouro na Amazônia

BOGOTÁ (AP -- O GLOBO) -- Depois de quinze anos de buscas, uma expedição científica localizou nos limites da Peru com o Brasil, uma primitiva tribo de índios que sacrifica suas virgens e é possuidora de grande riqueza em ouro e diamantes, segundo relatou nesta capital o médico francês Louis Vanleer, que fez parte da expedição.

Vanleer disse tratar-se da tribo niawa, que vive no encrucilhado da selva amazônica e súfida no templo de sacrifícios seu grande tesouro. O médico francês, que veio a Bogotá para pedir ajuda aos niawa e outros grupos indígenas da Amazônia que estão ameaçados por diversas enfermidades, relatou ao jornal "El Tiempo" a aventura vivida pela expedição europeia.

A expedição era integrada pela antropólogo suíço Vander Kim; os médicos Rodolfo Ackerman, alemão, e Luis Giovanni, italiano, e o sociólogo americano John Patten na, além do próprio Vanleer.

Os cientistas começaram há quinze anos a procurar a chamada "Cidade do Te-

souro", mas só este ano conseguiram que um índio, injetado com o "soro da verdade", informasse que havia uma tribo que trabalhava o ouro e se adornava de diamantes.

Segundo Vanleer, os membros da expedição, por meio acaso, acabaram sendo aprisionados por um grupo de índios quando regressavam ao Hospital San Luis, localizado em plena selva.

"Os índios nos tocavam o rosto, a pele e nos tiraram a roupa. Estranhavam a cor de nossa pele, as vestes e as armas que tínhamos. Depois, nos guiaram pela selva, até a "Cidade do Tesouro", onde vive a tribo composta de umas 2 mil pessoas, das quais cerca de 500 mulheres.

### Sacrifício

"Na tarde deste dia, começou uma maciça mobilização dos niawas para o centro da aldeia. Ali, no templo, o feiticeiro, armado com uma machadinha de pedra, lia praticar o sacrifício de uma virgem de uns 12 anos, que estava sobre uma grande pedra.

"Depois de sacrificá-la e oferecê-la ao deus Sol, um dos tantos que tem essa tribo, arrancaram seu coração e, seguindo um ritual todo especial, prepararam uma comida que distribuíram entre eles, em total silêncio".

### Tesouro

O médico francês disse que o tesouro, de ouro, diamantes e cerâmica é mantido sob vigilância e que um médico francês, André Savatara, que tentou apoderar-se de um diamante, foi morto a flechadas.

Vanleer fez um apelo aos laboratórios privados e entidades governamentais para que ajudem o Hospital San Luis, que funciona em plena selva amazônica, para poder atender aos índios dessa e de outras tribos amazônicas, que sofrem diversas enfermidades e estão ameaçados de extinção.

"Os índios, ao sentirem-se doentes, nos procuram, mas não temos nem medicamentos nem equipes para ajudá-los", acrescentou, depois de contar sua fantástica história sobre os niawas.

Secretos y riquezas  
de tribu amazónica  
revela en Bogotá  
el médico Vanleer (11)



**Cómo se vive en la región  
más rica del mundo...**

**Con los dientes la mujer  
corta el cordón umbilical**

# Hay que dormir con la mujer del amigo para no morir

Este es el segundo y final artículo sobre la rara y extraordinaria vida de los indios Niawas recientemente descubiertos al sureste de la Amazonia colombiana por el médico francés Louis Vanleer y el antropólogo suizo Vander Kim.

Para obtener los relatos el periodista Gonzalo Castellanos, de CROMOS, se lanzó a la "cacería" del doctor Vanleer y tras averiguaciones — telefónicas — en varias capitales suramericanas y en fuentes diplomáticas logró obtener la exclusiva información que ahora finalizamos. (Ver CROMOS inmediatamente anterior).

Por lo excepcional del contenido periodístico recomendamos su lectura.

En las profundas selvas amazónicas entre Brasil, Perú y Colombia viven presuntamente importantes jefes del nazismo que escaparon tras la caída de la Alemania de Hitler en la Segunda Guerra Mundial, según reveló el médico francés Louis Vanleer quien dijo haber recibido la información y testimonios de los indios Niawas con quienes vivió durante tres meses.

En prosecución de sus declaraciones exclusivas para CROMOS dijo también haber descubierto en las mismas selvas una cucaracha similar a la familia de las cantáridas que hay en Colombia de la que los indios extraen un poderoso afrodisíaco.

He aquí su relato:

"Hay una planta que se come. Sabe a rico. No sé si es remedio. Es manjar para los indios. Kim (el antropólogo suizo que ha corrido toda la aventura junto a

Vanleer) la come diariamente".

"No pudimos averiguar si por venganza los indios le dieron a comer a Kim una arepa dura. Parecía de maíz. Momentos después de comerla los dientes y muelas de Kim comienzan a caerse. Dos días después no tiene una sola pieza".

"Hay otra planta que permite extraer muelas sin anestesia. Se unta en la encía y a más de aflojar la pieza el paciente no siente dolor alguno".

"No muy frecuente se encuentra un árbol frondoso que invita al reposo bajo los 40 y 45 grados de calor habituales de la región. Sólo se puede estar bajo él cuando llueve. El que se mete ahí cuando no llueve muere prontamente, anestesado por una especie de perfume que exhala el árbol".

"Con un bejuco acuático se pesca. Se mete amarrado de la punta de un palo y al poco rato se pueden recoger peces

totalmente dormidos. Se cogen sin ninguna dificultad".

"Tres veces en el año hay una invasión de puercos salvajes. Yo vi una. Son millares de animales que hurgan por todas partes. El indio sube a un árbol. Desde allí orina a los puercos. Creo que con el olor de la orina el animal se excita o enloquece porque de inmediato comienzan a atacarse unos a otros y en menos de diez minutos de lucha hay 50 u 80 muertos. Es una manera de caza rara, desconocida. Yo oriné y desaté igual batalla. Ninguna bebida o aplicación anterior se da para que la orina tome algún poder especial. La matanza es impresionante".

"Para cazar jaguares o pumas el indio sube a un árbol. Lleva consigo una cuerda larga untada de cera de abeja la cual mete por el hueco de un cuero. Tira y tira de la cuerda. Al poco rato se apa-



AV. RIO BRANCO, 123 - 21.º ANDAR - GR. 2106/2112  
EDIFÍCIO COMÉRCIO E INDÚSTRIA  
20000 RIO DE JANEIRO, RJ - ZC-21

CAIXA POSTAL 916 - ZC - 00  
END. TELEGR. AMERCHACOM  
TELEFONE 222-1983

CGC 33.573.791/0001-06  
FRRI 292.896.00

CID



Presidente  
Fundação Nacional de Proteção ao Índio  
Edifício Alvorada, 4º andar  
Setor C Omerical Sul  
70000 - Brasilia - DF



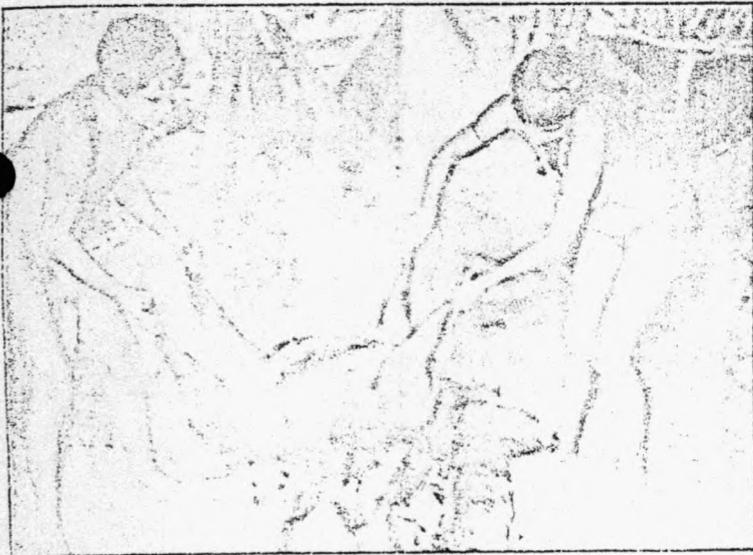
*pss. 410, p. 13/28*

PEDE-SE AO AGENTE DA E. B. C. T. QUE ASSINALE A RAZÃO DA DEVOLUÇÃO

Fora de Zona Postal     Mudou-se     Desconhecido     Endereço Insuficiente     Não existe o N.º indicado



Parace que estos Indios de la tribu Satarem son los prisioneros de los Niawas a los que "cazaron" cuando eran chiquitos.



Después de la caza con orines se cocinan los puercos...



Las mujeres son de buena formación corporea y piel fina.

rece un macho que ha caído en la trampa, es decir que la cuerda al pasar por el cuero propala olor a hembra. El macho llega a buscarla... y ¡zas!, un dardo envenenado disparado con cervatana lo elimina en segundos. El indio se conforma con la piel. No come su carne”.

### HAY QUE DORMIR CON LA MUJER DEL AMIGO

De rarezas y exotismos hay suficientes. Pero curiosa resulta ésta que contó el médico:

“Una vez quedé sorprendido: un indio que me había tomado simpatía me regaló a su mujer. Por intuición la recibí. El la tomó de la mano y la puso en la mía a tiempo que nos empujaba a los dos indicándonos la casa donde yo me alojaba. La llamé “Niña”. “Niña” comenzó a limpiar la casa. Me agarraba a cada momento los testículos. Se acostó y me hizo acostar con ella. Las mujeres Niawas no son feas. Más bajitas que los hombres, están dotadas de cadera exótica y senos grandes. La piel es distinta a la de cualquier otra tribu: entre amarillo y cobre. La carne es dura y además son aseadas porque todas las tardes nadan. Sucumbí ante ella. Pasan diez días y llega el marido. Se la lleva con él. Más tarde, en la medida que íbamos conociendo las costumbres, me enteré que si la rechazo el indio me hubiera considerado un mal amigo y hubiera podido morir en sus manos o en las de cualquier otro miembro de la tribu porque todos son familia y la afrenta hubiese sido para toda la comunidad. El indio se la llevó porque el matrimonio fue a vivir lejos del pueblo de madera. Antes de marchar, bauticé Andrés al indio”.

El médico cuenta que las Niawas son muy ardientes pero no se dejan embarazar porque tres veces por mes beben un zumo que al cabo del tiempo las esteriliza. Atribuye la extinción de la tribu a tal costumbre.

“Según los estudios de Kim esta tribu que no pasa de dos mil seres, es la degeneración de una comunidad grande que pudo llegar a los 50 u 80 mil en su apogeo cuando vivió en la ciudad vieja donde está el templo de los sacrificios”, dijo.

“Es probable que aún usen técnicas de forja, pues con el oro logran soldaduras en frío y en caliente. Hacen moldes de barro sobre los que, por medio de un tubo, también de barro, vierten oro líquido que derriten en calderos de piedra”.

“En el templo del pueblo viejo hay centenares de jeroglíficos y signos de su alfabeto que no es más de quince letras que consisten en cuadrados, redondos, triángulos y rectángulos, los que, colocados de diversa manera hacen

PSS. 410, p 15/28

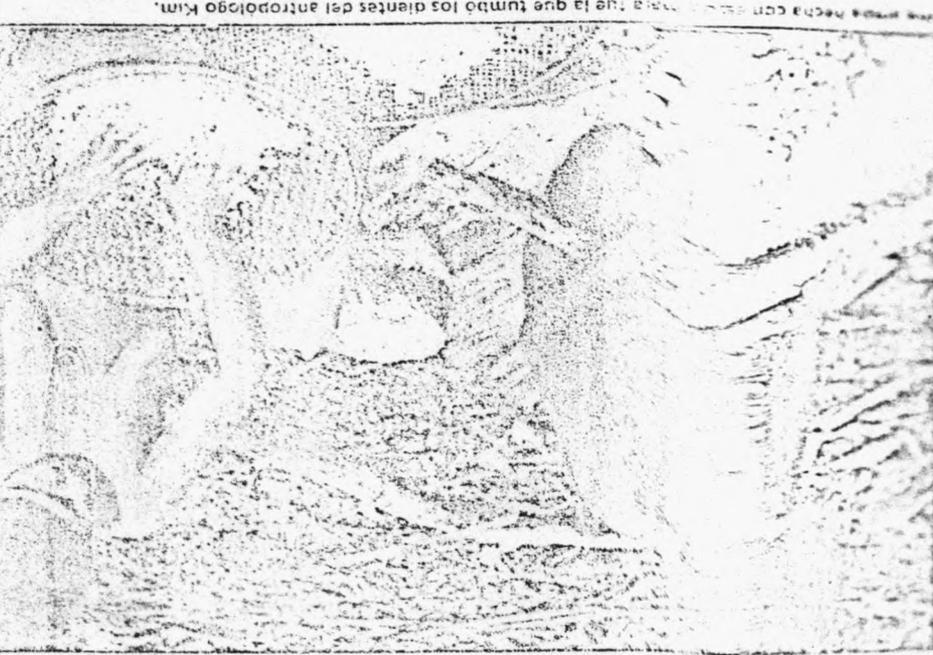


La comida es abundante pero no hay sal.



En Puesto Firme hay algo civilizado.

Mujeres como esta hay que aceptarlas para no morir y no ofender al marido. Rechazarlas significa desprecio y ofensa...



Esta mujer me ha conmovido porque fue la que tumbó los dientes del antropólogo Kim.



PSS 4101 p 36/38



Hay pocas mujeres que todas las enfermedades y los dolores

una frase. Todas son figuras geométricas. En mis correrías por tanta tribu jamás vi modo de lenguaje o expresión igual".

#### ACTO SEXUAL EN PUBLICO

Vanleer dijo haber visto con Kim desflorar una niña núbil a la vista de una gran congregación.

La costumbre es así:

No hay edad para el matrimonio del hombre, el cual, aunque tenga otra mujer puede llegarse a una familia y pedir a la niña que tenga 6 años. La lleva a su casa con él. No la toca. Espera 6 o más años a que le llegue la primera menstruación. Cuando esto sucede el hombre anuncia a todo el pueblo el acontecimiento. Todos están atentos por tres días en espera de que cese. Entonces en presencia de todo el pueblo que se reúne a campo abierto, la posee. Luego de consumado el acto que se celebra con chicha y comilona un consejo de viejos se reúne con la mujer. La interrogan durante horas y es ahí donde la mujer decide si continúa casada con el que la poseyó o queda en libertad para escoger al que ella quiera. En lo sucesivo puede acostarse con cualquiera sin que caiga sobre ella la afrenta.

#### PARTO EN TUMBA

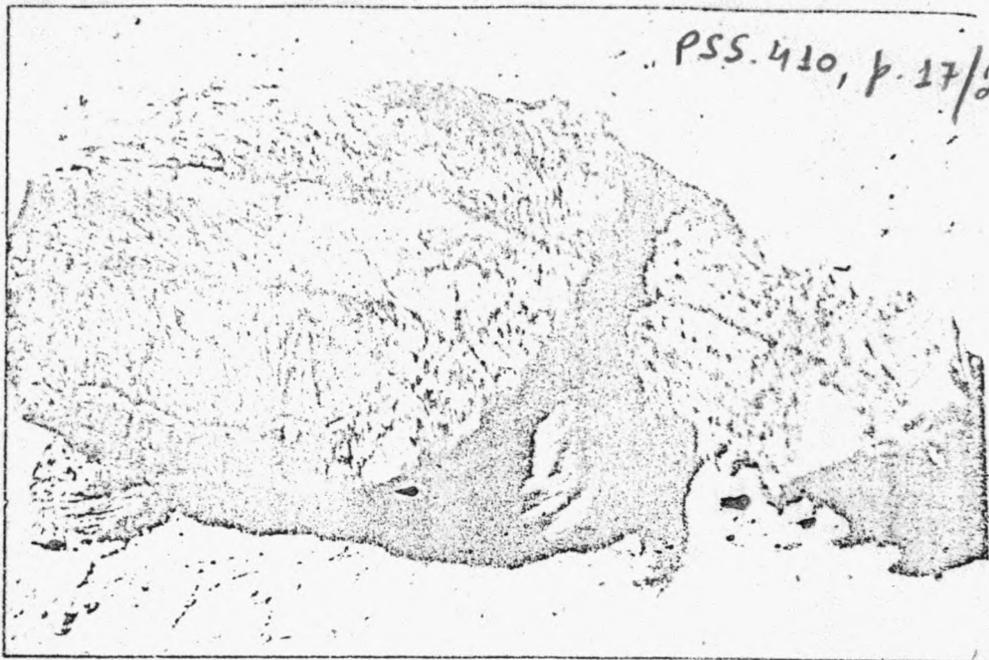
Acostúmbrase también que cuando la mujer va a parir se va sola a la selva. Hace un hoyo vertical, se mete en él y acurrucada espera el nacimiento. Es precisa: máximo espera unas horas. Ella misma corta con los dientes o las uñas el cordón umbilical. De inmediato limpia a la criatura con hojas frescas y abandona la tumba con la cría en brazos. Vuelve al pueblo como si nada extraordinario hubiese ocurrido. Como si hubiese salido de paseo, tan sólo que con un hijo en la mano. Nadie se ha acercado a verla... Ya en casa, se ocupa de sus menesteres, mientras el indio, perezoso, duerme. Ni siquiera va a mirar al recién llegado. No hay ningún dolor para la parturienta.

#### LOS PRISIONEROS

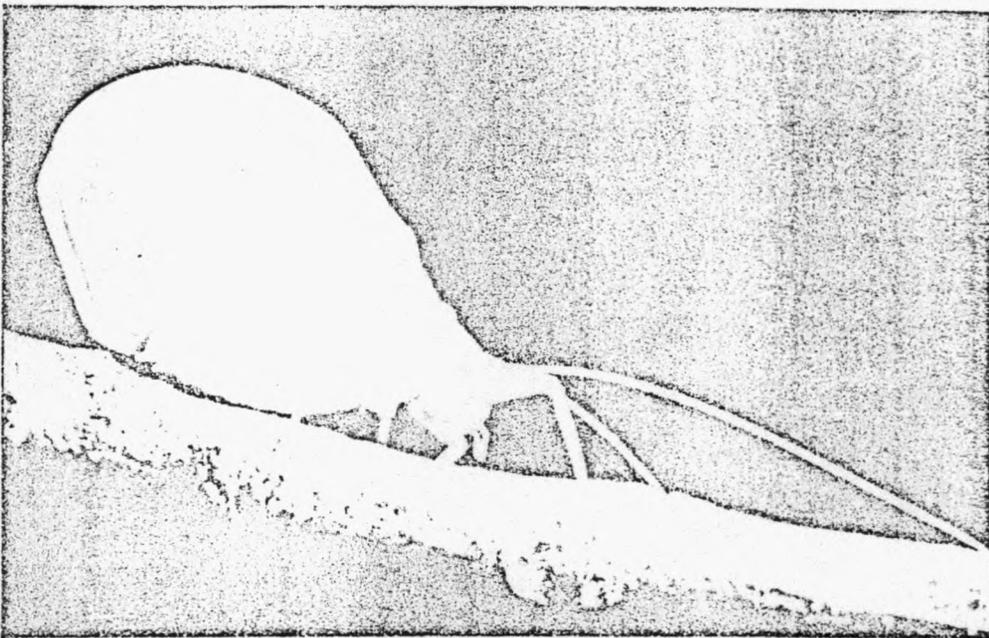
El doctor Vanleer prosigue su relato: "En el pueblo viejo encontré muchos indios, unos 60, que no son Niawas. No están amarrados pero son prisioneros de los Niawas quienes los someten a trabajar en las minas de oro".

"Colegimos que estos hombres han sido hechos prisioneros por los Niawas que anteriormente recorrieron las selvas a caza de obreros. Probablemente los apresaron chiquitos. No los vigilan, pero se ve que los obreros no emprenden la fuga porque desconocen totalmente otra región o saben de experiencias acaecidas a otros que lo intentaron".

"En el pueblo viejo guerreros Niawas



He aquí la extraordinaria tortuga...



Este raro animalito es peligrosísimo.

nos mostraron en una ocasión una inmensa mina de oro, que llena de galerías y túneles profundos, se encuentra bajo la ciudad. Tiene cuatro entradas. Bajamos por túneles, pero creo que hay otros más hacia abajo porque hasta la mitad a donde llegamos se oían ruidos de brega provenientes de subterráneos. Inclusive parece que hay un río el cual les sirve de camino secreto a los Niawas".

"Cuando descendimos con Kim hasta la mitad de la galería vimos que los prisioneros rompen las paredes de la mina con herramientas de piedra a las cuales amarran puntas filudas de oro. Sacan la tierra en canastos. Luego la lavan en bateas y validos de otros medios extraen el oro. Creo que hay más oro que tierra porque los Niawas

salen de los lavaderos cargados de grandes cantidades de metal puro. Los Niawas no trabajan. Apenas se encargan de la lavada. Creo que es obligación llevar la mitad al templo y disponer a su antojo de la otra. Su propietario puede hacer con él lo que quiera. Hay muchos que no lo trabajan porque por la mayoría de casas se ve el polvo depositado en el piso contra los rincones. Parece que apenas les gusta el metal porque encuentran en él el elemento que les produce, como greda, algo para elaborar aretes, collares o piezas diversas, pero desconocen su valor como metal precioso".

"Los Niawas tienen tanto oro como para pagar la deuda de América Latina. Las piezas que vimos caben apenas en la Plaza de Armas de Lima".

"Vimos muchos diamantes. No es

improbable que el indio lo lleve en su collar o lo tenga en casa. Ya les conté cómo es la pirámide sobre la bandeja de oro que hay en el templo. No supimos nunca dónde los encuentran pero creo que, por temporadas, columnas de indígenas van a una veta por ellos. Podría ser en el río o en algún lugar secreto de la selva. Hay también minas de plata, cobre y otros minerales".

"No hay guardias. Cuando muere el cacique le depositan en la tumba parte de las piezas que hay en el templo".

"Los metales y las piedras dan resplandores al sol. Es una visión rara a la que a los pocos días uno se acostumbra".

"Llevé conmigo un diamante de tres quilates que vendí en Salvador (Brasil) por 20 mil cruzeiros. Compré drogas".

"Creo que somos los únicos que hemos llegado a esa remota región o sobrevivido a ella. Lo colegimos porque de haber llegado otros ya no habría oro... Nos hubiese ocurrido lo que al soviético que murió a flechazos cuando quiso llevar consigo algo...".

#### EL REHEN

En enero de este año (1977) el médico Vanleer salió de la tribu Niawa. El antropólogo Kim sigue allí como garantía del regreso de Vanleer. Dice que pensaron que si salían juntos la tribu iba a creer que regresarían con más gente para robarlos.

"Estoy preparando el retorno", dijo en Bogotá, donde espera culminar sus diligencias en busca de fondos, medicamentos, alimentos y materiales con destino al hospital que con tres médicos más tiene en Piso Firme, campamento a cuatro días de navegación de Leticia (Colombia) y a un mes de camino de

la ciudad Niawa.

Dijo que en Río de Janeiro fue asaltado por agentes que lo sorprendieron al término de una conferencia de prensa y lo golpearon tras esculcarlo al parecer en búsqueda de un croquis. En Lima se entrevistó en privado con el secretario de Gobierno quien le recomendó "con cuidado". Agregó que en Bogotá hizo una carta que envió a franceses, americanos e italianos para lograr la solidaridad de los paisanos de sus compañeros de Piso Firme (los médicos Giovanni, Paterson y Rudolf). Una productora de leches le entregó 200 kilos de alimento en polvo y 15 mil pesos le dio la beneficencia francesa. Laboratorios suizos le suministraron medicamentos al igual que en su reciente estada en Quito. Dijo además que todos los años la Sociedad Escandinava deposita a su favor en Brasil 20 mil cruzeiros.

#### LA CUCARACHA

He aquí más sobre los Niawas.

En longevidad hay actividad sexual. Al impotente sólo le basta vaciar en líquido y bebérselo, polvillo en la cantidad de una cabeza de fósforo extraído de una cucaracha, que al decir del médico también la hay en Colombia.

El insecto es muerto luego de ser envuelto varios días en una hoja especial. Se le coloca al sol hasta que se tuesta. De lo que queda de su estómago se extrae el polvo. El que lo bebe puede estar 10 días seguro de que no afrontará frustraciones.

En dos ocasiones cruzaron sobre territorio Niawa otros tantos aviones. Su ruido hizo correr a los indios.

Hay venganzas terribles. Se suele quitar los mostachos al tigre y cortarlos en pedacitos pequeñísimos, los que son

depositados al descuido en la comida de alguien a quien se odie. ¡El que los traga muere de agudos dolores con el intestino perforado!

En la mina, Vanleer dijo haber encontrado un foso repleto de esqueletos y en otro lugar un cráneo rebanado con fragmentos de costura con hilos de oro. En su concepto los Niawas practican trepanaciones pero no pudo precisar si los pacientes han sobrevivido. "El corte de la calavera estaba muy bien hecho".

Con frecuencia apartan a los cachorros de las fieras. El indio le sopla vaho suyo entre la boca y el animalito inmediatamente lo sigue cariñoso. No es extraño que una partida de indios se encuentre con una fiera que no los ataca porque de niña recibió "el soplo de la amistad". Es decir, libres hay animales domesticados. "Ahora comprendo —dijo— por qué Lou (el perro que encontraron vagando en Leticia y llevaron consigo) se fue tras los indios cuando nos apresaron".

Hay avestruces corpulentos, hasta con tres metros de alzada. Los cogen con boleas, herramienta o trampa consistente en una cuerda corta con dos piedras amarradas en sus extremos, la que arrojan con habilidad a las patas del animal que queda con ella patiado así vaya a veloz carrera. Por medio de hojas que le dan a oler y comer a los pocos días ya el avestruz antes arisco se vuelve dócil, domesticado. Tienen parejas. Sus huevos hacen igual cantidad que doce huevos de gallina. Se comen mucho.

Siembran maíz, yuca y otros tubérculos. La región está poblada de jabalíes, ciervos, iguanas, patos negros y caimanes que matan sólo para comerse la cola. Hay mucha superstición. Ningún indio sale de casa si no lleva collar. A los muertos los entierran de pies en la tumba luego de una gran fiesta en la que a cambio de lianto hay chicha. Los envuelven en un sudario de algodón que arrancan de los árboles tejido por gusanos.

En las casas no es extraño encontrar una pantera negra domesticada con el famoso vaho.

En Piso Firme hay una culebra de tres metros. Parece una iguana. La cabeza es semejante a la cobra. Camina muy rápido. ¡Camina porque tiene patas! El médico dice que no es una especie sino fenómeno de la naturaleza, pues ninguna vez ha visto otra semejante.

No hay homosexuales. Pintan pero no tienen sentido artístico. "Mejor lo hace un niño blanco de 5 años que un adulto indígena".

Hay una rarísima tortuga de no más de medio metro. No tiene ojos. Su trompa va blindada por huesos y piel. No choca contra los obstáculos porque, al igual que los murciélagos, tiene radar. Parece prehistórica.



Los demás indios huyen de los Niawas que son depredadores.

Secretos y riqueza  
de tribu amazónica  
revolva en Bogotá  
el médico Vanleer

692. (83) (846)

En

Colombia,

rana capaz de matar

un millón  
de personas

El médico francés Louis Vanleer reveló que una banda internacional de mercenarios se arma en Brasil para lanzarse a la destrucción y el saqueo de la tribu Niawa que se asienta con sus flechas envenenadas en la ciudad más rica del mundo en oro, plata y piedras preciosas al sureste de la Amazonia colombiana.

Vanleer, quien sorprendió al mundo hace dos meses con sus declaraciones en Lima sobre los indígenas que tienen en su poder parte o tal vez toda la riqueza del legendario "Dorado", cuyo oro alcanzaría para pagar la deuda total de América Latina, hizo a CROMOS nuevas y sensacionales revelaciones sobre el descubrimiento que junto con el antropólogo suizo, Vander Kim, llevó a cabo en la virgen y lejana selva habitada por indios del 1.75 y 1.80 de estatura.

Dijo que con sorpresa encontró una rana igual a la que había visto en el Chocó (Colombia) durante sus expediciones por el río Atrato en 1960 de la cual se extrae un veneno poderosamente letal capaz de matar a un millón de personas.

#### COMO OCURRIO

He aquí el pequeño relato de cómo se sucede el descubrimiento de los Nia-



El médico francés Louis Vanleer durante el relato hecho al periodista Gonzalo Castellanos de CROMOS.

was y la vida aventurera contada por el propio médico graduado en La Sorbona de París, quien dijo haber dedicado la mayor parte de su actividad al descubrimiento de indios en Africa y Suramérica:

"Llego a Colombia en 1960. Viajo de

Desde hace dos meses el periodista Gonzalo Castellanos, de CROMOS, se dio a la tarea de localizar al médico francés Louis Vanleer.

Tras averiguaciones telefónicas en Lima, Rio de Janeiro, Bogotá y Quito, las que se extendieron a fuentes diplomáticas y periodísticas, fue posible localizarlo y obtener de él los derechos exclusivos de sus hallazgos en la extraña tribu indígena los Niawas, riquísima comunidad asentada en la Amazonia limítrofe entre Brasil y Perú —al sureste del trapecio amazónico colombiano— para las publicaciones que a partir de ahora iniciamos.

Por lo sorprendente de sus fotografías y relatos recomendamos su lectura. He aquí el primer artículo:

inmediato al Chocó y exploro el río Atrato. Enfermo de paludismo voy a Europa para volver nuevamente en 1962. Conozco tribus colombianas y ecuatorianas. Entre Venezuela y Brasil encuentro una desnuda, que habla francés, inglés, holandés, portugués, más la lengua mater; son los Waya. En Leticia descubro que los turistas son engañados con culebras fabricadas que juegan con blancos pintados como indígenas, quienes dirigidos por un empresario, cobran por dejarse fotografiar".

#### PLATO EN EL LABIO

"Con el antropólogo Kim navego el río Yabará. A la semana damos con una tribu, ramificación de indígenas de Leticia. Estamos al sur del río Amazonas. Avanzamos y damos con más indígenas. Tras varios días de camino paramos en un lugar que bautizamos *Piso Firme*. Ahí instalamos chozas-hospital y comenzamos la investigación. Hay una laguna bella y mucho niño enfermo. Vamos a Manaus y encontramos la tribu Satarem con la que estamos un mes. Hay malaria y usos extraños como el del plato en el labio: Desde niñas a las mujeres les abren un hueco en la oreja, en el que colocan un disco de madera. A medida que va creciendo la persona, se va agrandando el disco hasta que la oreja caiga sobre el hombro. Hombres y mujeres hacen lo mismo con el labio inferior. El tortorero de plato para depositar comida, cuando el indio quiere comer saca la comida con lo que en el haya. El plato entonces se lleva hasta la muerte, cuando se

Obtuvimos fotografías y relatos exclusivos sobre la más sorprendente civilización anterior 2 mil años a Cristo

### LISTO EL ASALTO

He aquí el relato pormenorizado del posible asalto a la ciudad más rica del mundo con que encabezamos la primera crónica (ver CROMOS anterior):

"En Manaos tenemos un apartado de correo con el doctor Kim donde recibimos comunicación acerca de nuestro hospital de Puesto Firme".

"No hace mucho llegó una carta fechada en Rio de Janeiro y firmada por un amigo europeo en la que nos da cuenta que una expedición de mercenarios se alista para salir en diciembre entrante en búsqueda de los Niawas. Se están armando y han establecido un fondo. No sabemos si tiene respaldo de algún gobierno. El plan invasión se alista en Rio de Janeiro".

"Ninguna vez he querido indicar el lugar donde está la tribu. Pese a que la región amazónica es muy grande creemos que si los mercenarios llegan habría guerra. Los indios están armados. Disponen de secretos mortales. Se crearía un problema grave porque robarían las riquezas y destruirían su cultura. Habría saqueo. Espero la ayuda de gobiernos y entidades para conformar una comisión científica que investigue la cultura Niawa, que ayude a los indios y tomar de ellos sus conocimientos y remedios.



Peña con somniferos de suma facilidad.

Si hay asalto pudieran matar al doctor Kim que sigue con los Niawas".

### ¿Y LOS ALEMANES?

Finalmente Vanleer hizo esta revelación:

"Durante los 15 años que he permanecido en las regiones amazónicas he visto con frecuencia indios que llevan brazaletes donde se ve grabada la cruz gamada nazi".

"Al hospital de Puesto Firme llegan

indios que la llevan grabada en una especie de moneda colgada al cuello. Hay unos que hablan mucha palabra en idioma alemán. Vi un anillo que tenía cuatro cruces".

"Pero más me sorprendió un indio que me contó que en las profundidades de la selva hay un pueblo de hombres blancos. Idéntica versión obtuve de los Niawas, quienes a señas me dieron a entender que lejos de allí hay muchos hombres de mi color. Con rayas en el suelo me hicieron trazos semejantes al de calles y casas".

"De indios de diversas tribus que van a Puesto Firme a curarse he escuchado relatos iguales y en muchos he visto la cruz gamada".

"Estoy seguro que el signo y la descripción del pueblo" son testimonio de que por allí, quien sabe en dónde, hay alemanes de la postguerra refugiados y a lo mejor han construido su pueblo".

"En esas profundidades no hay vestigio alguno de que habiten colonos americanos pues las distancias son de meses y los riesgos, miles. ¿De dónde aprenden alemán los indios? ¿De dónde han copiado la cruz? ¿Por qué hablan de un pueblo blanco escondido en la selva?, son cosas para meditar... No sé, a lo mejor estoy equivocado...".

Texto: Gonzalo Castellanos

**CAMBIE SU VIDA**  
**CRUZ MAGNETICA GRAN PODER**

**Clave del magnetismo y de la suerte científicamente comprobado. No compre imitaciones**

**PIDA EL LIBRITO MAGNETICO GRATIS**

Unicas oficinas en Colombia: Bogotá, Avenida Jiménez No. 4-47, Edificio Monserrate. Teléfonos: 423487, 82-3853, 432705, 341257. Apartado Aereo 10854.

Si usted vive fuera de Bogotá se la enviamos contra entrega, es decir, la pide y se le manda por correo y usted la paga al retirarla.

Cali: Plaza de Cayzado, Banco de Bogotá, oficina 806. Teléfono: 851071.  
Medellín: Edificio La Ceiba, oficina 315. Teléfono: 45-0330  
Cúcuta: Calle 10 No. 3-57, local 102. Teléfono: 20225.  
Pereira: Teléfono: 49370.  
Barranquilla: Teléfono: 18816.  
Cartagena: Edificio Gedeon.

**IMPORTANTE: Sólo hay una Cruz Magnética Gran Poder. No hay promociones por ningún otro sitio del país. No tenemos vendedores ambulantes.**



Esterle de David de Oro 3000 de Plata 5000



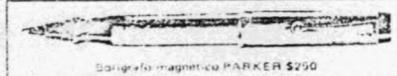
Cruz Romana de Oro de 18 \$2.200 de Plata 3.550



Anillo de Oro \$1.000 de Plata \$300



Esterle de David de Oro \$1.500 de Plata \$1.100



Borrador magnetico PARKER \$290



Cruz de Oro de 16 gms \$3.050



Cruz de Plata \$1.500



Llavero que repulsa \$100



Cruz Pectoral Plata \$450

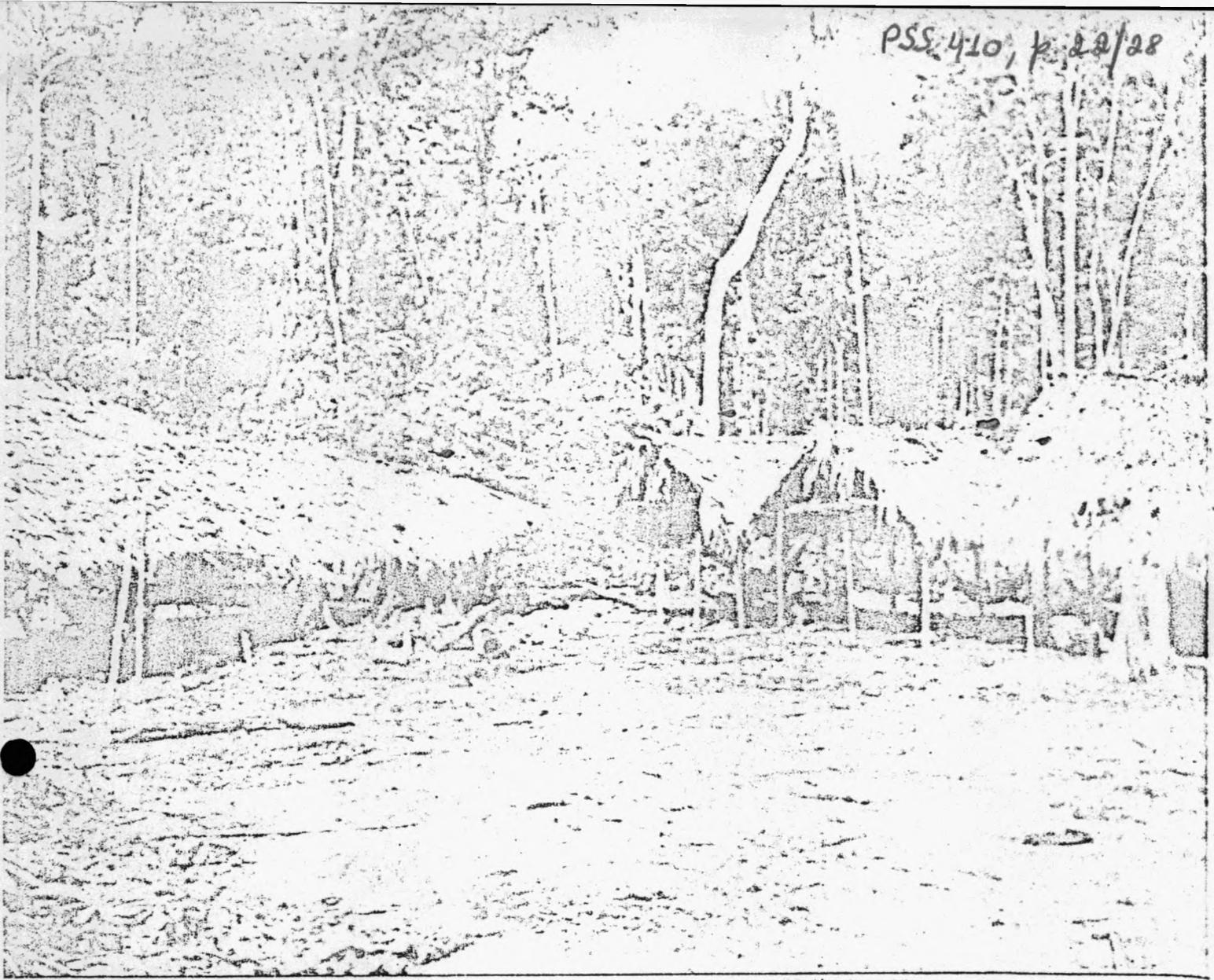
**LEY 0.925**



Un día se pusieron a pararse y se emborracharon para espantar a los fantasmas.

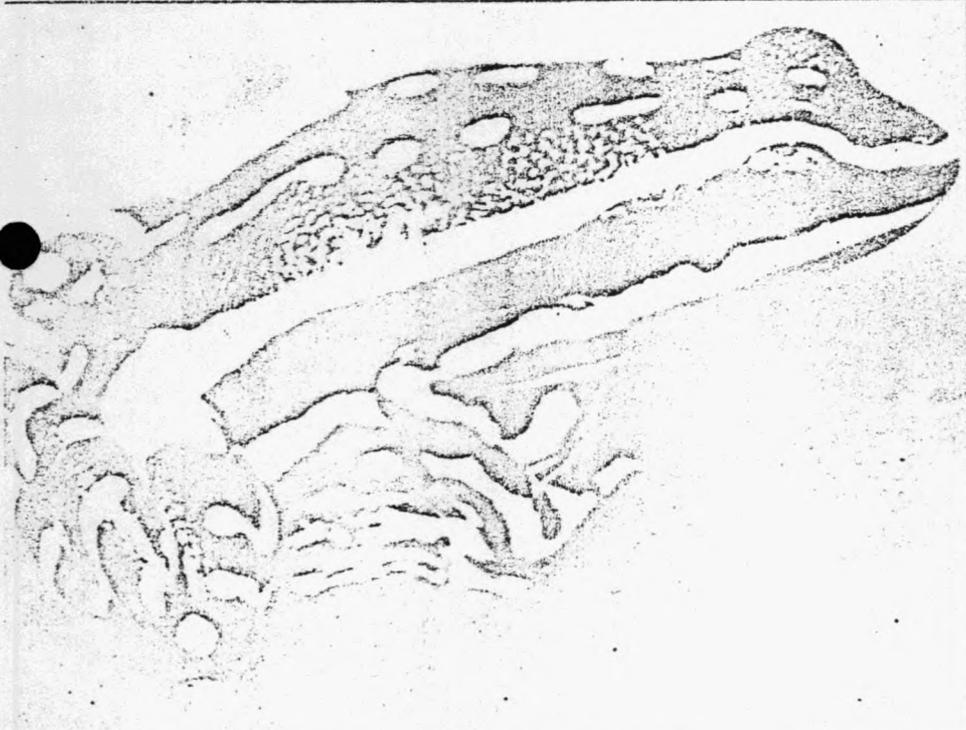
He aquí un Niwa  
con oroforo y labio  
de disco de palo





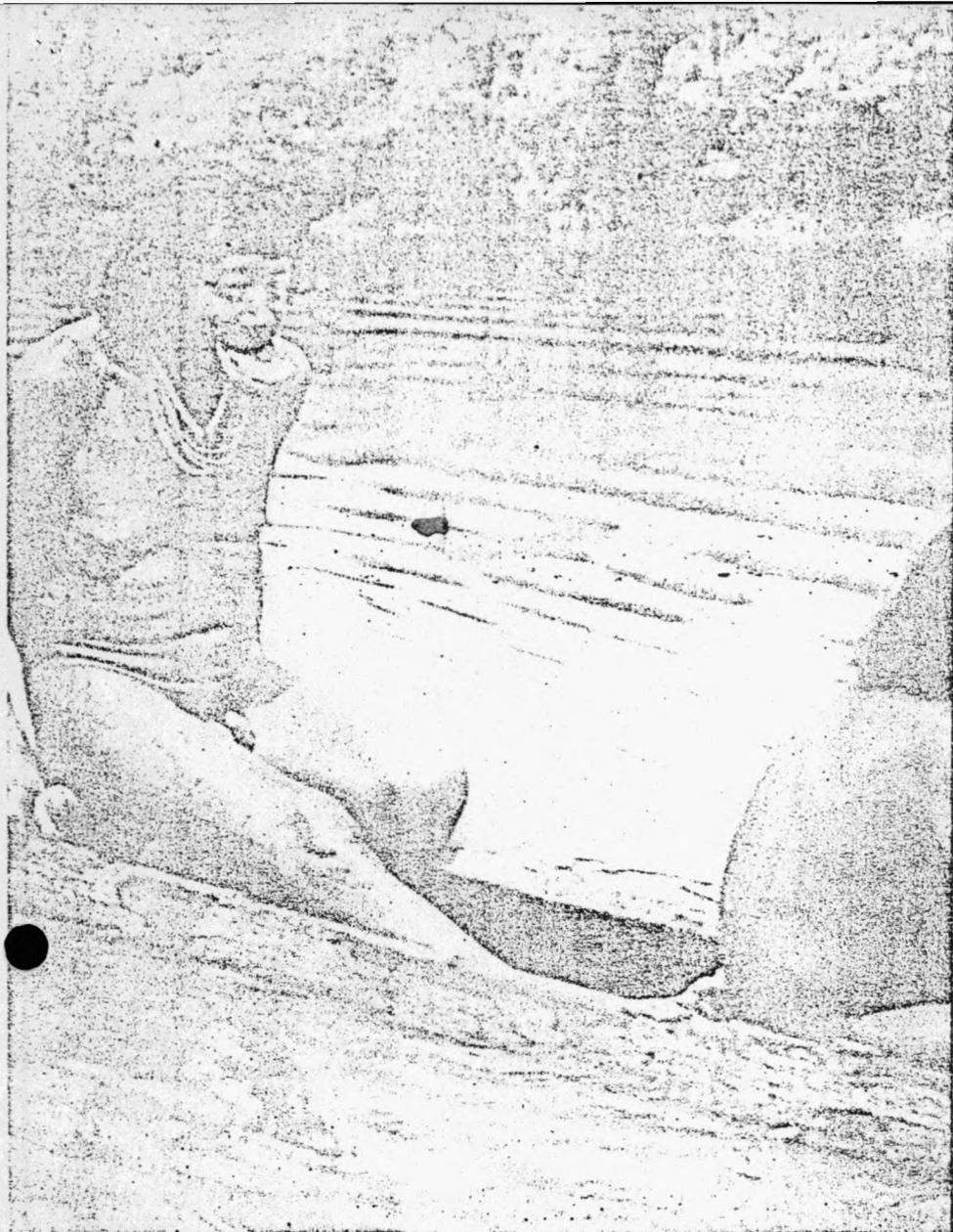
Este es Piso Firme donde junto a Vanleer varios científicos han instalado el hospital-campamento a 15 días de los Niawa.

Esta es la rana capaz de matar un millón de personas con su veneno. La hay en Colombia.



Con vaho domestican a los animales...





Elabora su propio disco de madera.



Pesca abundante y técnica culinaria.

duras y dolores.

Las comidas se cocinan enterradas. Son buenas pero no llevan ni pizca de sal.



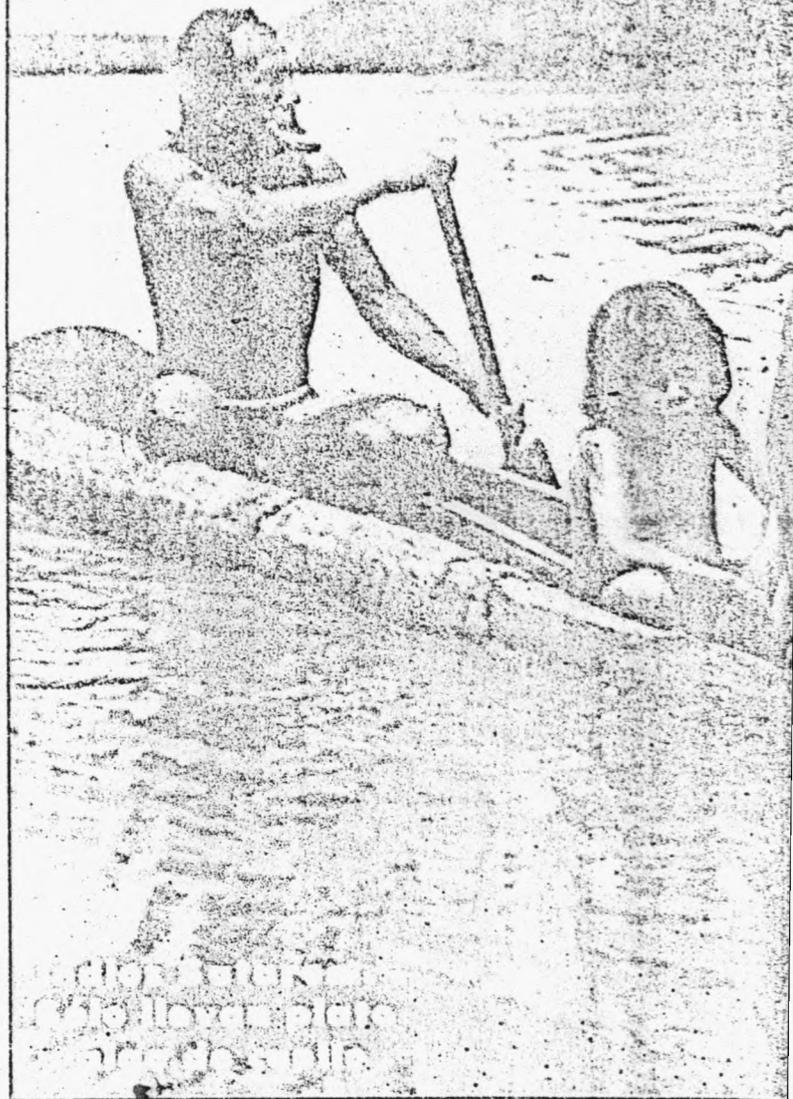
**Perro colombiano vive con los Mawas rodeado de oro y piedras preciosas**

llegan al tamaño de un plato dulcero. Los Satarem son hoscos, pero atraídos por nuestra medicina se hacen amigos. Cuando regresamos a Piso Firme, diez Satarem resuelven con sus familias ir con nosotros. Seis meses después desaparecen de Piso Firme; la escapada ocurre al finalizar 1964. Casi un año después, para gran sorpresa nuestra, regresan no sólo las diez familias sino 60 indios más.

Sólo les molestó que los retratáramos".

**EL MISTERIO**

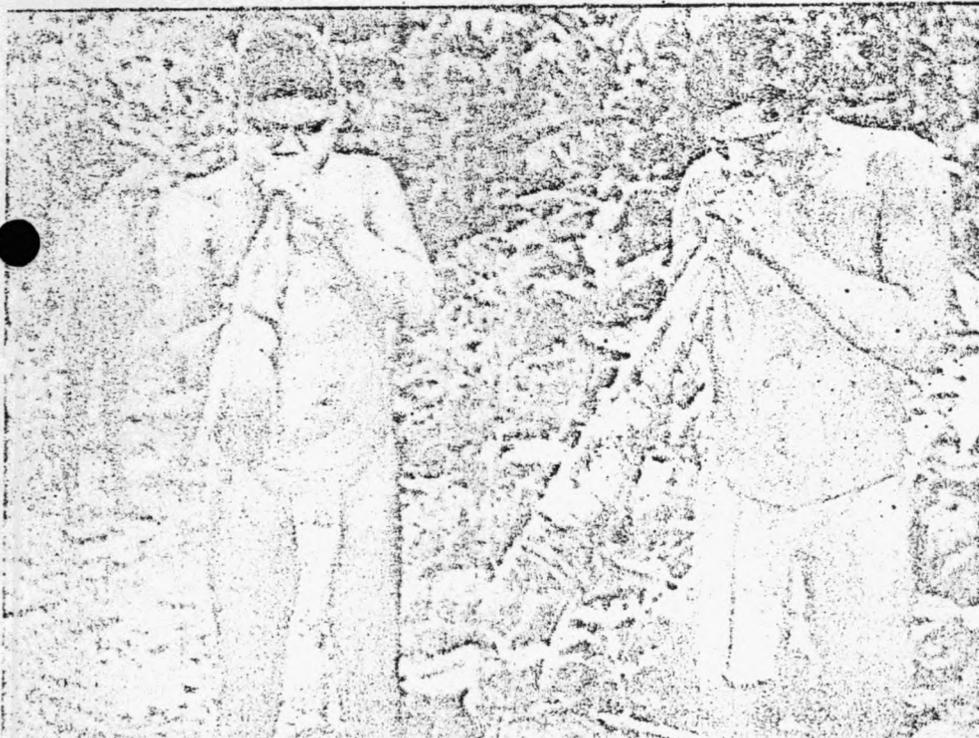
"Piso Firme está en un claro de la selva entre Perú y Brasil, a 4 días y 2 noches de Leticia (Colombia). Ningún indígena



Este es el perro que siguió obediente luego del soplo indio.

Fuman con este "pitillero" cierta rama. Los trapos son de los investigadores.

Aquí en plena faena en preparación de antídotos contra



sabe castellano u otra lengua conocida.

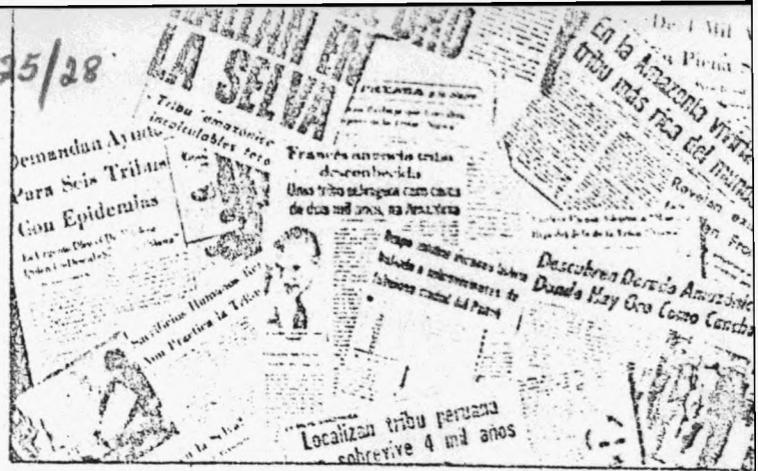
Kim se fue a Suiza, en donde dicta conferencias e interesa a entendedes y médicos. Vuelve a Piso Firme con otros científicos: el alemán Rudolf Akerman, el norteamericano J. Paterson (médico) al igual que Giovanni Luis.

Se trabaja y se aprende de los indios. Pero sorprende que ninguno de ellos da informe alguno acerca de lo que hay alrededor. Cuando se les invita a explorar se muestran despavoridos. Cursan los años. En 1976 coloqué al viejo Dedé una inyección de penthotal, algo así como el suero de la verdad. Bajo el efecto de la droga comenzó a hablar: Dice que hay una tribu muy peligrosa que mata. Que no tiene mujeres y que el que va allí no regresa. A Dedé le habíamos enseñado castellano y algo de francés. Lo que dijo fue suficiente. El 15 de noviembre de 1976 con el doctor Kim emprendimos el viaje hacia la zona que Dedé nos indicó. La tribu queda despavorida. Viajamos un mes en canoa, no encontramos nada. La selva es tan apretada que la vegetación vuelve a crecer al paso de uno. Caminamos por ella varios días. Caímos rendidos sobre una cama de hierbas que preparamos. De pronto me cayó un palo. Desperté. Unos cuarenta indígenas nos rodeaban, con arcos listos. Todos hombres, desnudos y untados de pinturas.

Poco a poco cerraron el cerco a tiempo que nos observaban sin despabilarse. Un joven altísimo avanza más que los otros. Se me acercó. Me tocó la cara. De inmediato otros hicieron lo mismo, a tiempo que nos arrancan la camisa y nos quitan los pantalones. Nos desnudaron. Echan mano de nuestros paquetes y miran con sorpresa los revólveres y el reloj de Kim. Tiraron un transistor. Una media hora después, a señas, nos ordenan caminar. Nos meten al centro de su fila. Les hablamos pero no nos entienden. Tampoco nosotros a ellos, quienes por su parte hacen mucha bulla. Caminamos en medio de gritaría. No nos molestan. Hallamos trochas que sólo ellos conocen. Vamos desnudos y han transcurrido dos días y una noche. Nos han dado de comer varias veces mono asado el que atraviesan con un palo de boca a cola y tras chamuscarle los pelos, colocan sobre el fuego con todo y tripas. Así seguíamos cuando de repente Kim se lanza sobre el revólver que estaba en el paquete que llevaba un indio. Dispara. La explosión retumba como si hubiese estallado nitroglicerina con dinamita. Los indios en medio de alaridos desaparecen sin dejar rastro. Kim había disparado a un cerdo salvaje que yace ahora muerto. ¡Estábamos libres! En su huida botan los paquetes y las armas. Con el puerco nos dimos el potaje vespertino. Cayó la noche y ni rastros de los vecinos...

PSS. 410/p 25/28

Titulares internacionales de prensa a raíz de las declaraciones de Vanleer.



A las 10 de la mañana del día siguiente escuché pasos y voces. Kim alistó el revólver. Detrás de los árboles nos observan. Se acercan lentos, poco a poco, sin beligerancia alguna. Esta vez no nos quitan la ropa. Por raro instinto, 'Lou' el perro que llevamos no ladra en ninguno de los apresamientos. ¡Vamos!, nos ordenan a señas. Obedecemos.

Al acabarse la tarde llegábamos a una ciudad. ¡Era como una capital!"

### SACRIFICIO HUMANO

Prosigue el relato del doctor Vanleer: "La ciudad se ve bien trazada urbanísticamente. Caminamos unas calles. Se ven adobes en hileras al parecer en espera de sol, como si fuesen fábricas. Están envueltos en hojas los bloques de barro. Las paredes de bloques están reforzadas con piedra. Es casi de noche. Nos conducen a una casa donde nos dejan solos. Se llevan a 'Lou'. Un indio lo había cogido por el hocico momentos antes y colocando su boca sobre la suya le soplo su vaho. Raramente, de inmediato, el perro lo siguió como si hubiese sido su amo de toda la vida..."

Después de un rato de incertidumbre en esa casa echamos a andar. Está oscuro. Llevamos la cámara de filmación y los revólveres. No encontramos ni un alma. La soledad es miedosa. Casas, calles. Escuchamos muchas voces y simultáneamente vemos la luz de numerosas antorchas a la distancia. ¡Cercaban el pueblo! Apresuramos y nos colocamos frente a una casa muy grande, entre unas ruinas. Al poquito llegó a ella un gentío vocinglero. Un anciano llevaba de la mano a una niña como de 10 años. Cuatro más la custodian de cerca. La niña parecía drogada porque sin dificultad alguna la colocaron sobre una piedra enorme en el centro de la casa grande. No la amarraron. La multitud invadió la casa y muchos se quedaron afuera.

Sin mucho preámbulo el viejo, al que supuse era el sacerdote o brujo, levantó un chuzo grande. No sé si fue metálico o de palo. La niña está quieta, sin dar siquiera un sollozo. El escenario se cundió

de un silencio miedoso que permitió apenas escuchar el mosquido que pegó el chuzo al romper la carne de la niña. El cuerpo no se contorsionó al recibir la herida. Siguió siempre quieto. Luego el mismo viejo procedió a sacarle el corazón.

Nada pudimos hacer. Tiempo después, en esa tribu con la que había de vivir 3 meses, supimos que se practica el sacrificio humano. Que el sacerdote sacó el corazón de la niña con el que hicieron una comida ritual. Se matan sobre la piedra del templo para implorar a los dioses —el agua y el fuego— que la población no desaparezca bajo el ataque de monstruos, epidemias o fantasmas. La noche que llegamos, se hizo el sacrificio para que nuestra presencia no les fuese a causar mal.

Nos quedamos pasmados. Quietos. El gentío, con el viejo a la cabeza, se fue. ¡Qué raro, no habitaban la ciudad grande!

Regresamos a la casa que nos habían asignado inicialmente. Una hora después llegaron dos indios y una mujer que nos llevaban comida: pez y carne de no sé qué. Mucha carne. Sin sal ni aliño alguno. Nos dieron como para 8 más. Colocamos las hamacas. Antes de dormir pensé en la rica comida de París. Sólo creo, que nos permitió conciliar el sueño, la larga experiencia que teníamos de haber visto tanta muerte y tanto cadáver en nuestra carrera de científicos. Sin embargo, la visión de la niña no se iba".

### EL PUEBLO DE PALO

"A la mañana siguiente Kim duerme. Resuelvo echar un vistazo. Caminé por el pueblo. Es un pueblo viejo. Las pruebas al carbono 14 hechas por el doctor Kim demuestran que puede ser anterior 2 mil años a la Era Cristiana. Pero es una ciudad deshabitada, tan sólo que por encima, porque por debajo se trabaja tenazmente, como veremos más adelante.

Me introduzco en la selva unos dos kilómetros, al cabo de los cuales, en un claro gigantesco, encuentro otra ciudad hecha de casas de madera y paja. Bien construidas. Con algún confort. Los in-

**Banda de mercenarios lista a asaltar la ciudad más rica del mundo**

dios me miran. Van por las calles. En cada casa hay láminas que brillan. Es otro pueblo grande, vecino de pueblo viejo. Nunca supimos cual fue la razón para que éste último quedara vacío. Tal vez pudiera ser que los antepasados lo habitaron con esplendor y las nuevas generaciones lo encontraron fatal o le cogieron ojeriza.

Mientras yo miraba embelesado y sobresaltado, un grupo llegó con Kim. Con él, me condujeron ante la presencia del cacique. Creo que el pueblo todo se fue a presenciar el acto. El cacique es un anciano sin barbas, apenas con unos pelos ralos bajo la nariz. Al igual que su pueblo, desnudo. No habla mucho, además no comprendemos lo poco que dice. Estos indios no tienen parecido su lenguaje con ninguna otra tribu. Al igual que en las películas, con un palo hace señales sobre el piso. Menos entendemos. Le doy un collar de perlas plásticas. Las recibió sin emoción alguna. No se lo puso. Pasan como 4 horas. Todos estamos pendientes de entendimiento. Le regalo trapos. Son las 5 de la tarde. Sin que mediara nada, el cacique nos volteó la espalda y de inmediato todos se fueron. Nosotros también. Nos pusimos a caminar. Por donde pasamos, las mujeres totalmente desnudas se esconden. Los hombres no se esconden. Creo que ya les habían indicado que seríamos sus huéspedes. Los niños parecen tener miedo.

#### EL TESORO

"En todo este episodio, desde el primer apresamiento, veo con frecuencia una rana. Por sus colores y tamaño, no me era extraña. Ya la había visto en Colombia. Nadie se atreve a machacarla con el pie. Nadie la molesta.

Al día siguiente el cacique nos llamó. Con diez hombres armados nos llevan al pueblo viejo. Sin saber a qué, nos condujeron derecho al templo. Nos alienta, apenas, la sonrisa que de vez en cuando nos lanza uno de la columna. No vimos sobre la piedra ni el cuerpo de la niña ni rastros de sangre. Penetramos. Los indígenas y el cacique parecen desentenderse de nosotros. ¡Qué sorpresa! En las paredes hay grabados en alto relieve. Muchos signos, casi todos simétricos. Caminamos alrededor de la piedra donde el viejo mató a la niña cuando de pronto algo nos vislumbra por sus destellos: ¡Oro! Oro que brilla con la luz solar que se filtra. Aretes, argollas, oro en polvo, láminas, artesanías, figuras de animales, estatuas, cajas, anillos. Sobre la piedra una bandeja con diamantes brillantes, semejantes a una bandeja repleta de frijoles cuando se va a servir a tres familias.

Todas las piezas están regadas en un espacio tan grande como un salón grande de recepciones. Sin orden alguno. Hay

arrumes. Todo bien trabajado. Brilla mucho. Cogimos algunas, las miramos. Pasan. Las hay de tamaño de un burro o diminutas como areticos. Casi todas grabadas. Por instinto de conservación volvimos a dejarlas en el lugar donde las cogimos. Es decir, las tiramos al piso.

Al cabo de unos días, cuando ya la amistad comenzaba, supimos que un científico ruso fue muerto a flechazos cuando quiso escapar con algo del tesoro indígena. Nos enteramos porque encontramos algo de su rastro. No supimos si estuvo en el lugar de nosotros o llegó a algún otro donde hay oro o piedras preciosas, o pudo haberse introducido en alguna de las grandes minas.

Quisimos regresar a la casa, a la primera en que dormimos aquella noche del sacrificio, pero los indios nos hacen señas que regresemos al pueblo nuevo. El antropólogo se ve muy contento porque está listo para sus experimentos con carbono 14. Nos acomodan en una casa de madera, con alguna comodidad. Ahí hemos de pasar 3 meses entre fabulosas riquezas, entre un pueblo extraño y exótico. Ahí comienza una nueva vida. Distinta. En ese pueblo de madera habíamos de conocer los más grandes secretos y rarezas de una civilización legendaria vecina a una ciudad vieja que por su parte se asienta sobre las más ricas minas de oro, plata y piedras preciosas".

#### VENENO PARA MATAR UN MILLON DE PERSONAS

Los dos europeos bregan diariamente a entenderse con los amos de casa. Kim avanza en sus investigaciones. Vanleer, como médico, gana el favor del brujo que le había tomado antipatía. Los dos intercambian de ciencias. Una especie de *alquimia* entre dos civilizaciones.

#### Próxima edición:

- Hay que dormir con la mujer ajena para salvar la vida.
- Orines sobre cerdos salvajes deja centenares de muertos.
- El doctor Kim quedó como rehén.
- Un anciano puede cumplir con 10 jóvenes si bebe polvillo de una cucaracha afrodisiaca.
- Relación sexual en público con las vírgenes.
- Cazadores humanos y médicos trepanadores.
- Cráneos zurcidos con hilos de oro.
- Tesoro tan grande como la Plaza de Armas de Lima.
- El brujo indica a quién hay que matar.
- Listo el asalto.

PSS 410, P. 26/28  
A Vanleer le llama en suma la atención la presencia de la rana. Es tan grande como un sapo de Girardot. Amarilla con rayas blancas que le van de la cabeza a la cola. Y llega el día que se entera para qué sirve:

Sin ningún trabajo el brujo y otros indios la cogen en la mano. Su caza es fácil. Le dan a oler una hoja. El animal entra en sopor. Enseguida le clavan una estaca fina que la atraviesa de la boca al ano. Luego la colocan sobre las llamas que producen las brasas de un palo especial. En esas condiciones parece un asado de esos que suelen hacer los cazadores, tan sólo que no con pato sino con rana. Desde los extremos del palo la voltean lentamente. Al poco rato el calor comienza a abrir los poros por donde se le escapan al animal gotas de sudor arrancadas de las entrañas. Las perlas de líquido caliente son recogidas con cuidado sumo en una hoja. El contenido total es luego vaciado en una escudilla de piedra donde al rompe los indios comienzan a introducir las puntas de sus dardos, flechas, punzones y demás armas.

Vanleer queda alelado. En tres meses no vio que el asado de rana se repitiera y la escudilla donde se vació el total de las gotas de sudor no disminuye. Es como si no se evaporara. Como si mientras más puntas se le meten, más se crece. No deja ningún rastro de humedad siquiera en el palo, mineral, o hueso que la toque. Es decir, el líquido no se acaba. El antropólogo y el médico, al ver tal fenómeno lo averiguan: es un veneno que alcanza para matar a un millón de personas. Con menos de la décima parte de un miligramo sucumbe lo que toque.

¡Animal dardeado con este veneno es animal que muere en un segundo! Es el extracto de una moribunda rana a la cual sólo la ciencia de los Niawas sabe sacar para hacer de él lo más mortal que se haya producido fuera de laboratorio alguno.

Ahora en Bogotá el doctor Vanleer reveló que un tipo de rana igual encontró en las orillas del río Atrato en el Chocó cuando lo bajó en 1960. Es de cabeza aplastada y se moviliza a saltos normales de sapo. Probablemente sólo el tratamiento que saben darle los Niawas es el que logra extraerle el veneno poderoso.

El médico dijo haberle mostrado a su mujer, una antioqueña, con la que proyecta regresar a Piso Firme, un cartel que encontró alguna vez en el que se muestran las bondades del turismo en Colombia y se leían tres aspectos de mayor atracción: las esmeraldas. "Tenemos las mejores", dice el cartel, los más audaces ladrones y los mejores sapos... "¡Ahí está retratada la rana del veneno!", subrayó. (1)

# EM PLENA SELVA AMAZÔNICA

# a tribo mais rica do mundo

A tribo dos Niasus é, sem dúvida, a mais rica do mundo, com sua cidade subterrânea, mina de ouro e prata e pedras preciosas, suficientes para pagar as dívidas de todo o continente latino-americano.

O médico francês Van Leer e o antropólogo suíço Vander Kin descobriram — na selva amazônica, entre as fronteiras do Brasil, Colômbia e Peru, e não pensam revelar a ninguém o local exato da tribo, porque isto significaria "a morte, o roubo e a perda da cultura Niasus", afirmou o francês.

Um terceiro descobridor, deslumbrado pelas riquezas, tentou tirar algumas delas da zona, mas foi privado de fechá-las em janeiro deste ano, dois meses depois do primeiro contato com os Niasus.

Van Leer, que com sua família dedica sua vida à atenção dos nativos, mostrou esta semana, pela primeira vez, dispositivos da tribo. Com cerca de dois mil espíndulos "axemplares" de um metro e oitenta de altura em madeira, moiros e lustrados, de finos traços e desprovidos de ornamentação.

Entretanto, seu companheiro antropólogo permanece como relutante voluntário dos nativos.

Outros colegas dos expedicionários — Rudolf Aermann, alemão, Guyano Luis, italiano e John Peterson, norte-americano — têm eventual contato com os Niasus, e procuram um hospital que o grupo instalou para atender as tribos de região.

Está há três dias de navegação em Canoas de Letícia, cidade colombiana fronteiriça com Peru e Brasil e de onde os descobridores empreenderam a marcha que os levou aos Niasus, em tempo e por um caminho só por eles conhecidos.

A mina, verdadeira cidade subterrânea, de nove hectares, apresenta uma arquitetura de tijolos e pedras com formas arredondadas, ovais e retangulares, semelhantes à escritura que usam. De acordo com provas de carbono 14, realizadas pelo antropólogo, data de dois mil anos antes de Cristo, tem velas de onde se extraem o ouro com prisioneiros, cujos esqueletos se vêem em diferentes fossas.

Também há lugares sagrados, onde os Niasus, que eram 58.000 naquela ocasião, realizavam sacrifícios humanos que ainda em especial ocasiões continuam oferecendo. As ruínas foram abandonadas e atualmente os nativos habitam o bosque, em casas de juncos e ramos de árvores.

A revelação do descobrimento feita pelo Doutor Van Leer lembrou a lenda do El Dorado, cuja coincidência não foi afastada pelo médico.

A lenda provém de um empobrecido soldado espanhol que chegou a Cuzco, sudeste peruano, em fins da década de 1530, procedente das selvas do oriente, onde perdeu sua expedição. Relatou ter descoberto uma cidade de ouro.

O primeiro contato com os expedicionários de agora, um grupo privado sem supervisão alguma, causou grande admiração aos Niasus, especialmente pela pele branca dos expedicionários.

Quando o antropólogo disparou sua arma de fogo contra um javali, desapareceram de vista por um dia os nativos.

A ajuda médica o fez ter confiança e os expedicionários começaram a aprender seu idioma, ganhando seu afeto, embora, afirmou Van Leer, o antropólogo permanecesse na selva como garantia de que ele refreará os.

A confiança depositada no médico manifestou-se em Maneta, nome de uma menina niasu de 12 anos, que passou a fazer parte da família de Van Leer. Os nativos, afirmou o médico, no plano dos valores humanos, são muito melhores que os que vivem na cidade.

Para fazer fogo, a tribo primitiva utiliza o sistema de atritar duas madeiras secas. Diretamente em brasas, põem seus alimentos até ficarem meio cozidos e depois os enterram sob pedras quentes para concluir o cozimento.

Alimentam-se de peixes que pegam com bolas de cipó maceradas num líquido especial que ao serem introduzidas na água do rio matam os pescados por asfixia.

Também comem carne de tartaruga e de macacos, que caçam com flechas envenenadas com curare, prática que iniciam aos 7 anos de idade. O crocodilo, que respeitam muito, comem unicamente quando não há outro alimento. Sua dieta é composta, além disso, por frutos de palmeiras, milho, juta e camote, mas também cozinham o algodão.

Quanto à religião, afirmou Van Leer, adoram deuses representados pela água, o sol, o fogo e alguns animais, aos quais oferecem sacrifícios humanos. Neste caso, se oferece o coração de uma menina virgem, sacrificada pela manhã. A preciosa víscera é guardada até à tarde como alimento do ritual, que se realizará na hora do crepúsculo.

O casamento não exige idade para os homens, enquanto que as mulheres o contraem, teoricamente, aos seis anos. O novo não pode ter relações sexuais com sua esposa senão após sua primeira menstruação. Chegado o momento, o ato se realiza publicamente em meio a um ritual com cerimônia especial, mas o par ainda não está totalmente casado.

Nos seis meses seguintes, a mulher tem plena liberdade para ter relações com quem quiser — mesmo que tenha uma gravidez a caminho. Depois desse prazo os velhos da tribo discutem sobre as possibilidades do êxito matrimonial. Se a decisão for negativa, tudo dá em nada. Se for positiva o casamento está constituído e a mulher deve ser monôgama.

Outros descobrimentos do médico e do antropólogo falam de medicina e de trepanações que seriam praticadas pelos antepassados dos Niasus.

Os nativos realizam trabalhos a base de ouro, prata e pedras preciosas. Utilizam plantas que possuem qualidades esterilizadoras, frutos que, após serem comidos, causam a queda dos dentes e, conhecem a Ra Cocoy, cujo veneno basta para matar um milhão de pessoas segundo se experimentou com animais.

Van Leer falou, inclusive, numa tribo que fala algumas palavras de origem alemã aprendidas por um grupo dessa nacionalidade, instalado na selva desde o término da Segunda Guerra Mundial e assegurou ter encontrado anéis com a cruz suíça, embora nadas tenham encontrado na região Niasus. O médico e seus amigos decidiram divulgar o descobrimento para conseguir a ajuda que nenhum governo lhes proporcionou e para que a cultura Niasus não seja ignorada pela História.

A acrescentou que fará em Lima, uma exposição com filmes e até com a participação de dez ativos niasus. Isto foi programado para os próximos meses, mas depende da autorização e garantia governamentais de que o ouro e outras amostras que tragam sejam retornadas à tribo.

Talvez no futuro, afirmou Van Leer, se possa informar aos Niasus sobre o valor de seu ouro, para utilizá-lo em hospitais e para erradicar as epidemias que os atacam.

Por ora é impossível, concluiu, reiterando que ele e seu amigo resguardarão zelosamente o segredo sobre a situação da tribo Niasus, cujos habitantes, sem saber, são os mais ricos do mundo.

*Parece que o Eldorado, tão decantado e procurado pelos exploradores espanhóis do Século XVI existe, realmente. Pelo menos, algo muito parecido: um médico francês e um antropólogo suíço acabam de descobrir, em plena selva amazônica, uma tribo cujos estoques de ouro e prata seriam "suficientes para pagar todas as dívidas do continente sul-americano" — que, como é mais que sabido, não são propriamente poucas. A tribo fica em algum lugar entre o Brasil, a Colômbia e o Peru, mas seus descobridores se recusam a dar sua localização exata, com medo das atitudes que sem dúvida seriam tomadas por "civilizados" mais ambiciosos*



O Eldorado, tão procurado por Hernán Cortés, acaba de ser descoberto. Para sorte dos índios le azar de Cortés! Alguns séculos depois dos sonhos de grandezas e atos de violência do conquistador espanhol



Nesta gravura do século XVI, alguns conquistadores do Novo Mundo. Todos pariam inspirados pela promessa de riquezas do Eldorado, a terra fantástica, cheia de ouro, prata e pedras preciosas



Para os índios recém-descobertos, o ouro e a prata não significam nada além de belos objetos. Tem, para eles, tanto valor quanto os óvulos que traçam em seus tecidos, ou pintam em suas paredes



MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO  
FUNAI

À ASI

Em, 28.11.77

*[Signature]*  
Osmar de Araújo Oliveira  
Presidente da FUNAI

|             |
|-------------|
| ASI/FUNAI   |
| Nº 996177   |
| EM 29/11/77 |

*Carta - Junho, 8 e  
agosto - 87 -  
ps. 30/11/77 -*